

AVALIAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Adda-Nari Menezes Alves
PUCRS

Ao falar em avaliação, o primeiro pensamento que temos é o lugar-comum de uma definição: "Avaliar é julgar algo ou alguém quanto a seu valor, segundo um padrão". E, imediatamente, como ponto fundamental, antes mesmo da avaliação e do ensino, vem a MOTIVAÇÃO. Dependendo de como o aluno está motivado, maior será seu rendimento e, conseqüentemente, melhor sua avaliação.

Esta motivação muitas vezes não vem do próprio aluno que, por uma série de fatores sociais, econômicos e culturais, não se sente motivado a estudar determinada disciplina. É quando se torna fundamental a motivação que o professor lhe transmite. Mudrik disse que "o papel e influência do professor no processo de formação da personalidade da criança e do adolescente é de notável importância para a boa preparação de sua vida adulta. O fato de que as circunstâncias extra-escolares formam de modo crescente os alunos jovens, não reduz o papel do professor, mas, pelo contrário, torna-o infinitamente complexo e necessário para os jovens". Isso quer dizer que o professor precisa estar motivado para motivar seus alunos. Ele deve sentir que a mudança e variedade, com suas implicações criativas, são elementos fundamentais para manter seu próprio entusiasmo e, por via de conseqüência, alimentar também o entusiasmo do aluno, ser consciente de que seu entusiasmo pode ser fonte de estímulo ao educando.

E como é ou pode ser feita tal motivação? É simples: o professor transmite, direta e/ou indiretamente, o seu modo de ser, de agir e de reagir, sua comunicabilidade. Se ele se mostra alegre, ex-

trovertido, dinâmico, entusiasmado, não há aluno que resista e não se sinta contagiado. Assim, a aula, a matéria e a disciplina serão vistas com mais simpatia e alvo de maior aceitação.

Há uma grande inter-relação entre qualidade de ensino, motivação e avaliação. O ensino de qualidade motiva o aluno, resultando daí uma avaliação satisfatória. E qualidade de ensino é uma decisão planejada, uma estratégia de aplicação de técnicas, de uma constante revisão dos métodos didático-pedagógicos.

Só vamos produzir um ensino de qualidade se não cedermos à grande pressão do mundo atual para que sejamos o que não somos e façamos o que não queremos. Se cedermos a essa pressão, o aluno sente e não haverá mais aquele ambiente natural, aquele inter-relacionamento espontâneo. Se, ao contrário, não cedermos ou nos libertarmos, sendo honestos com as exigências colocadas diante de nós; se questionarmos aberta e destemidamente, buscando o esclarecimento ante tantas dúvidas que emergem até mesmo na mais elementar das rotinas, os alunos responderão melhor. Aliás, sob este aspecto, vale a observação e alerta do professor Juan Mosquera: "O pior é que não temos muitas dúvidas e queremos ter muitas certezas".

Se é importante que o ensino tenha êxito, também o é a preocupação em determinar se esse êxito corresponde aos nossos objetivos. E tudo isso exige muito de nós, pois, afinal, somos humanos e "parece que todo sistema educacional moderno está empenhado numa corrida contra o tempo para conter o desafio mundial dum competição sem freios em busca da prosperidade, da riqueza". Predomina o espírito de competitividade. É questão de sobrevivência, até. E vem corroborar essa afirmação o fato de que os povos mais prósperos são os que mais competem, mais correm nessa busca infundável. Como fazemos parte desse sistema educacional moderno, devemos cuidar para não entrarmos nessa "corrida maluca" e lembrar que a maneira como dirigimos nossas aulas é, em grande parte, um reflexo de quem somos e como somos.

Precisamos de motivação e devemos motivar. E nessa dicotomia está um dos grandes segredos do professor e seu desempenho.

Ao longo de nossa trajetória como professor, chegamos a algumas constatações didático-pedagógicas que passamos a rela-

cionar, sem outra ordem que não seja a de uma simples enumeração.

1 — O professor não deve simplesmente impor ao aluno, mas explicar como e por que precisa ser feito. Que se estimule a curiosidade natural da criança e do jovem, provocando tal curiosidade.

2 — Deve haver entre professor e aluno um tal clima que a escola represente o lugar que preenche suas expectativas e o estudo se torne um prazer, e não pura obrigação.

3 — Impõe-se ao professor conhecer a realidade atual, para só utilizar modelos de realidades quotidianas.

4 — É imprescindível que o professor saiba em que nível de conhecimento se encontra o aluno com o qual vai trabalhar. Aqui é básica uma pré-avaliação.

5 — Para alunos que têm comportamentos diferentes, dar atividades diferentes e atenção diferenciada, sem, contudo, quebrar a homogeneidade da turma; pelo contrário, o objetivo a ser alcançado é o de justamente mantê-la.

6 — O currículo deve refletir o propósito de que ele vai construir o mundo interior do aluno, sua visão de mundo e sociedade.

7 — Evitem-se extremos de espontaneidade e tecnicismo. Só uma união harmônica de ambos elementos produzirá um bom ensino.

8 — A prática e a teoria devem caminhar sempre juntas, pois uma complementa a outra.

9 — O professor não deve esquecer nunca que sua capacidade de convencimento é uma arma poderosa, que deve ser usada adequadamente.

10 — Conhecer o aluno, o que faz, o que pensa, o que valoriza, ajuda o professor a fazê-lo crescer. E o aluno cresce mais à medida em que é estimulado e valorizado.

11 — Não só a assimilação de conhecimentos na sala de aula deve constituir o universo do aluno. É necessário que se lhe dê condições para que sua educação se assente também em bases comportamentais, ideológicas e culturais.

12 — É importante que o professor use a estratégia de reforços positivos, tais como o elogio, aprovação com a cabeça, demonstração de afeto, enfim, estímulo constante.

13 — Muitas vezes a preocupação do professor em dar a maté-

ria e cumprir o programa, impede-o de prestar a devida atenção nos alunos. Esta situação deve ser evitada, observando-se rigorosamente os seguintes cuidados: a) esperar o tempo que for necessário para obter respostas dos alunos; b) elogiar adequada e igualmente a todo aluno, dentre os vários motivos sempre identificáveis para tal, sem fazer distinção quanto ao grau de desempenho de cada aluno; c) criticar igualmente as respostas erradas de qualquer aluno.

14 — O professor deve ter a habilidade de saber quando forçar um pouco o aluno, quando deixá-lo sozinho; saber o momento de “empurrá-lo” ou buscá-lo, quando intervir ou não. Isso resulta em apoio e o professor ganhará sua confiança e o ajudará a vencer suas deficiências.

15 — O aluno precisa encontrar na escola, em cada disciplina e em cada professor, o mínimo necessário que lhe propicie, fora da escola, meios para suas necessidades profissionais.

16 — Usar a auto-avaliação, para ajudar o aluno a se conhecer melhor.

17 — Uma ficha na qual o aluno avalie o trabalho do professor, ajudará a que este se reformule, se corrija, se aperfeiçoe.

18 — O professor não deve descuidar-se nunca do exercício e atividade orais e não só da escrita.

Como complementação de nosso trabalho, ater-nos-emos mais especificamente a fazer algumas considerações sobre a avaliação, atividade mais rotineira que o professor realiza. Seu sentido social e humano deve estar sempre acima da idéia de um simples teste de conhecimentos ou milagre educacional. Deste modo, ela não pode ser reduzida tão-somente a questões técnicas, à mera medida de conhecimentos, não podendo ser desconsiderados seus fatores éticos, políticos, sociais, econômicos.

Para avaliar, o professor lança mão de critérios baseados num padrão, enquadrando hierarquias. E ele precisa aqui ser racional, justo, isento de animosidades e preconceitos. Há ocasiões em que tudo parecerá difícil, sobre-humano até, mas deve ser assim.

No caso de língua estrangeira, há ainda uma exigência maior para com o professor: ele deve ser quase um artista para conseguir que o aluno se desiniba e comece a falar a língua estranha para ele. E como consegui-lo? Por que o conseguimos ou não? É importante saber aqui o que é prioritário.

A exemplo do que foi dispensado ao capítulo da motivação segue-se algumas considerações sobre a avaliação:

1 — A avaliação deve ser constante para ser mais justa. Avaliar uma única vez pode prejudicar um aluno, que momentaneamente apresente condições psicológicas adversas por uma série de fatores, até mesmo por ter esquecido, no ato da avaliação, o que estudara.

2 — Às vezes o professor sentirá necessidade de ouvir outros professores e colher informações para melhor conhecer o aluno e avaliar com mais justiça.

3 — Buscar formas e estratégias que evitem modos repetitivos de avaliação, não esquecendo de relacioná-las aos objetivos da disciplina e do curso.

4 — Haverá sempre uma avaliação para cada circunstância: oral ou escrita, objetiva ou subjetiva, simples ou complexa, curta ou longa, etc.

Concluimos nossas palavras com o pensamento do professor Augustinus Staub, quando diz que “O estudante aprende do sucesso e não do fracasso” e com o que julgamos SER PROFESSOR: Ser professor é realizar-se como profissional e como homem, superando-se a cada dia, renovando-se sempre, sobrepondo a seus problemas, valores e ideais, os problemas, valores e ideais de seus alunos.

BIBLIOGRAFIA

- AEBLI, Hans. *Prática de ensino*. São Paulo, EDUSP, 1979.
- AVALIAÇÃO da aprendizagem: enfoques teóricos. PADES/UFRGS/PROGRAD. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1983.
- DREW, Walter F.; OLDS, Anita R. & OLDS JR., Henry F. *Como motivar os alunos de hoje*. Rio de Janeiro, Saraiva, 1977.
- MARQUES, Juracy C. *Paradigma para análise do ensino. Um estudo dos componentes fundamentais de programas em educação*. Porto Alegre, Globo, 1977.
- MUDRIK, A. *La educación en secundaria*. Moscou, Progreso, 1981.
- STAUB, Augustinus. *A lingüística e o ensino da composição*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, (16): 35-53, jun., 1974.